

## Identidade, Segurança e a Regeneração da Pertença Social na África Ocidental: Reflexões sobre as crises na Costa do Marfim

A 19 de Setembro de 2002, aquilo que à primeira vista parecia ser uma revolta envolvendo setecentos soldados de exército marfinense que resistiam às tentativas governamentais para os desmobilizar, rapidamente se tornou no início de uma guerra civil. Com estes acontecimentos, o país quebrou de forma decisiva a sua reputação legendária de paz e cosmopolitanismo. Uma instabilidade crónica tinha já começado, desde o golpe militar que derrubou o governo de Henri Konan Bedie em Dezembro de 1999. Num espaço de poucas semanas depois da eclosão da revolta de 2002, a metade norte do país ficou sob o controlo dos combatentes do Movimento Patriótico Marfinense (Ivorian Patriotic Movement MPC). Um terceiro movimento, o Mouvement Patriotique Ivoirien du Grand Ouest (MPIGO) teve mais tarde que delinear um território para si na parte ocidental do país, perto da fronteira com a Libéria. Antes do golpe de 1999, a Costa do Marfim tinha já registado elevadas taxas de crescimento na maior parte das vezes e abrigava cerca de quatro milhões de estrangeiros sem nenhuma tensão de maior entre os diferentes grupos etnolinguísticos nacionais. Então, o que é que correu mal? De que modo é que a actual crise irá afectar os vários grupos etno-nacionais que vivem no país? Qual é o impacto da crise sobre os outros países da região? Encontrar respostas para esta e muitas outras questões tornou-se urgente e esteve na base de uma iniciativa NAI-CODESRIA conduzida por Ebrima Sall e Jean Bernard Ouedraogo. Antes disso e no mesmo ano, a NAI e o CODESRIA tinham solicitado 24 eminentes intelectuais da África, dos países nórdicos e de outros países europeus, bem como da América do Norte (Canadá) que se encontram entre os que melhores conhecimentos têm sobre questões relacionadas com conflitos e dinâmicas sociais na Costa do Marfim e em outros países da África Ocidental, para produzirem "matérias de reflexão" sobre o conflito marfinense e as

Adebayo Olukoshi e Ebrima Sall

CODESRIA

suas repercussões no resto da África Ocidental. As reflexões destes intelectuais foram apresentadas numa conferência realizada em Dakar, no Senegal, em Maio de 2003. De entre os participantes à conferência contavam-se também decisores políticos e organizações da sociedade civil da região, bem como um grande número de marfinenses, alguns dos quais tinham vindo do país, enquanto que outros estavam exilados no Senegal (seis dos intelectuais eram também marfinenses, dois dos quais ainda viviam no país na altura da conferência). Globalmente, 70 pessoas participaram na conferência.

As discussões em painéis foram entremeadas com 'testemunhos' de marfinenses que tinham tido experiências pessoais durante o conflito, e de organizações da sociedade civil da região, como foi o caso da West Africa Peace Network (WANEP, baseada em Accra), e da União Inter-africana dos Direitos Humanos (UIDH, baseada em Ouagadougou). O parlamento da ECOWAS, que acabava de realizar uma missão de estudo e verificação de factos relativamente à crise marfinense, assim como o seu impacto sobre o Gana, o Mali, o Burkina Faso e a Guiné, estava também representado pelo seu Presidente, o Dr. Ali Nouhoum Diallo, que veio acompanhado por dois parlamentares que tinham participado na referida missão, S.Exa Siradio Diallo da Guiné, e S.Exa Fatoumata Jahumpa-Cessay da Gâmbia, o Chefe do Protocolo do Presidente, e ainda uma outra pessoa. Os parlamentares apresentaram as principais constatações da sua missão num painel especial presidido pelo Professor Adebayo Olukoshi, Secretário Executivo do CODESRIA.

As história e a dinâmica do conflito;

- ii) migração, terra, direitos e cidadania;
- iii) governação e segurança nacional e regional;
- iv) crise económica, mudança dos paradigmas de desenvolvimento e cidadania, sucessão política, democratização e ajustamento estrutural na Costa do Marfim.

As raízes da recente crise remontam ao período colonial, numa altura em que as economias da região estavam organizadas de modo tal que tornaram o Burkina Faso numa reserva de mão-de-obra para a Costa do Marfim, e esta última foi desenvolvida num pólo de crescimento costeiro com uma economia florescente de plantação. Houphouët Boigny, primeiro presidente da Costa do Marfim, proprietário rico de plantações, manteve essa política. Boigny encorajou os imigrantes a possuírem terras e permitiu-lhes que votassem nas eleições marfinenses, mas o seu próprio partido dominava o panorama político. Vários participantes observaram que as perspectivas para a eclosão de uma crise tinham sido acentuadas pela luta pelo poder que se seguiu à morte de Boigny, numa altura em que o país estava a passar por uma crise económica severa devido à queda do preço do cacau, a principal exportação do país, e o início de um programa de ajustamento estrutural do FMI/Banco Mundial. As pressões para se democratizar o país eram também muito fortes. Estes eram os sinais do colapso daquilo a que um dos participantes, o Professor Francis Akindès, chamou de 'Compromisso Houphouëtista', caracterizado pela abertura a estrangeiros e a capital estrangeiro, mas também um modo neopatrimonial de governação. Foi neste contexto que uma ideologia xenófoba leve e dissimulada chamada 'Ivoirité' ("marfinidade", ou ser-se marfinense) foi forjada, inicialmente como modo de marginalização dos principais contendores na luta pelo poder, dos quais também fazia parte um dos servidores do

regime de Houphouët Boigny, como Primeiro Ministro, o Sr. Alassane Ouattara que foi então acusado de ser um 'estrangeiro'. Nesta altura a própria noção de cidadania marfinense foi redefinida, e foram inventados diferentes graus de cidadania ou "marfinidade".

A implicação prática destes desenvolvimentos foi o surgimento da tensão entre diferentes sectores da comunidade, tais como distinções entre "nortenhos" e "sulistas", muçulmanos e não muçulmanos, 'verdadeiros marfinenses' e 'marfinenses circunstanciais', etc., tendo ficado estes termos todos amalgamados e confusos. Neste processo, o círculo 'verdadeiros marfinenses' tornou-se menor, com a exclusão de muitos dos chamados "Burkinabé", entre outros. À medida que a guerra civil se ia desenvolvendo, a situação de segurança piorou. Centenas de civis inocentes perderam a vida e milhares perderam as suas prioridades, empregos ou negócios. Havia esquadrões da morte que aterrorizavam muitas pessoas suspeitas de partilharem os pontos de vista políticos aos da oposição ou aos dos movimentos rebeldes. Deste modo, o fluxo de refugiados e de deslocados internos aumentou.

No entanto, ficou claro a partir das discussões, que nesta crise, as noções de pertença e de cidadania assumiam significados diferentes para diferentes pessoas à medida que as circunstâncias iam mudando. O que foi inicialmente desenvolvido como uma parte do esquema para marginalizar os opositores políticos, tinha-se tornado numa ideologia xenófoba evocadora de ódio de ideologias de extrema-direita em outros lugares. Ao mesmo tempo que jovens desempregados das cidades retornavam às suas aldeias e reclamavam a terra cedida a 'estrangeiros' segundo o princípio de Boigny de 'terra para aqueles que a podem trabalhar', os camponeses do sul que trabalhavam em aldeias nas regiões ocidental e central do país tornaram-se alvo de manifestações anti-estrangeiros e foram expulsos, da mesma maneira que as pessoas de origem 'estrangeira' que tinham nascido de pais que também tinham nascido no país.

Tal como uma das comunicações o demonstrou, para os que regressavam ao Burkina Faso devido à crise, tendo vivido na Costa do Marfim durante décadas, a situação era pior, uma vez que no Burkina Faso eles eram também vistos como "marfinenses", ou uma espécie de apátridas chamados "les diaspos" (as pessoas da diáspora), escolhidos para serem agitadores políticos ou sindicalistas, ou perturbadores.

O diálogo entre marfinenses presentes na conferência foi, no entanto, bastante difícil. Um dos objectivos da conferência era o de criar um fórum neutro para os intelectuais marfinenses poderem começar a dialogar entre si, dado que a comunidade académica no seu país estava também dividida de modo bastante semelhante aos das divisões políticas. Para facilitar as coisas, foi decidido que as famosas 'Chantham House Rules' denominação que surgiu num fórum para o diálogo que existira na Grã-Bretanha no qual as partes de um conflito podiam falar livremente sem receio de serem citados, ou mais tarde perseguidos, seriam aplicadas nesta conferência. Para além disso, as discussões nos painéis e nas mesas redondas foram moderadas por mediadores cuidadosamente escolhidos e com experiência, tais como o Professor Abdoulaye Bathily da Universidade Cheik Anta Diop, actualmente vice-presidente da Assembleia Geral do Senegal, o Dr. Lennart Wohlgenuth, director da NAI, e o Dr. Nouhoum Diallo, Presidente do parlamento da ECOWAS. Apesar de tudo isso, foi bastante triste notar-se que o diálogo não era realmente entre marfinenses com pontos de vista diferentes relativamente ao conflito, mas que estavam a viver todos na Costa do Marfim. Em vez disso, foi um diálogo entre marfinenses no exílio e outros intelectuais africanos, europeus e canadianos, por um lado, e, por outro, os marfinenses que ainda viviam no país e que ocupavam cargos que aparentemente estavam muito próximos do actual governo marfinense.

Foi também destacada a natureza regional do conflito, não só por causa da importância da grande dimensão da população imigrante no país, mas também

devido à posição que a Costa do Marfim ocupa na região. Os esforços de integração regional sob os auspícios da União Monetária e Económica da África Ocidental (UEMOA) e da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (ECOWAS) estão neste momento a ser feitos com o risco de serem dificultados significativamente, dado que as relações entre as comunidades e entre os estados da região estarem minadas por tensões, e as economias deprimidas ainda mais abaladas. O processo de paz na Libéria, e os esforços no mesmo sentido na Serra Leoa estão a ser complicados pelas grandes possibilidades que a crise oferece aos mercenários e grupos armados de se deslocarem de um lado para o outro. A participação activa do Presidente da Assembleia da ECOWAS e dos seus membros na conferência foi, por conseguinte, muito significativa. As perspectivas de um retorno a um caminho tranquilo de desenvolvimento económico e humano e da democracia na região ficaram assim muito distantes, a menos que uma solução política para a Costa do Marfim seja encontrada.

A transição pós-conflito implica algumas renegociações das relações entre grupos, gerações, géneros e regiões, e podem levar à definição de novas bases para a cidadania e a pertença, quer seja para as comunidades locais, quer seja para as nações. Isto levanta questões de identidade, direitos, justiça e poder, bem como a natureza da esfera pública e a sua transformação com base em princípios democráticos. Os grupos envolvidos nas lutas pela paz, das quais fazem parte a renegociação da pertença, incluem os grupos de jovens e mulheres, confrarias religiosas, sindicatos e vários movimentos pelos direitos e vidas com significado. Uma das principais conclusões da conferência foi, por conseguinte, que ambas as teorias da cidadania e das estratégias de desenvolvimento deveriam ser reexaminadas em conexão com a necessidade de se reinventar a base do governo em toda a região de modo a que sejam colocados acima de tudo os direitos democráticos das pessoas.